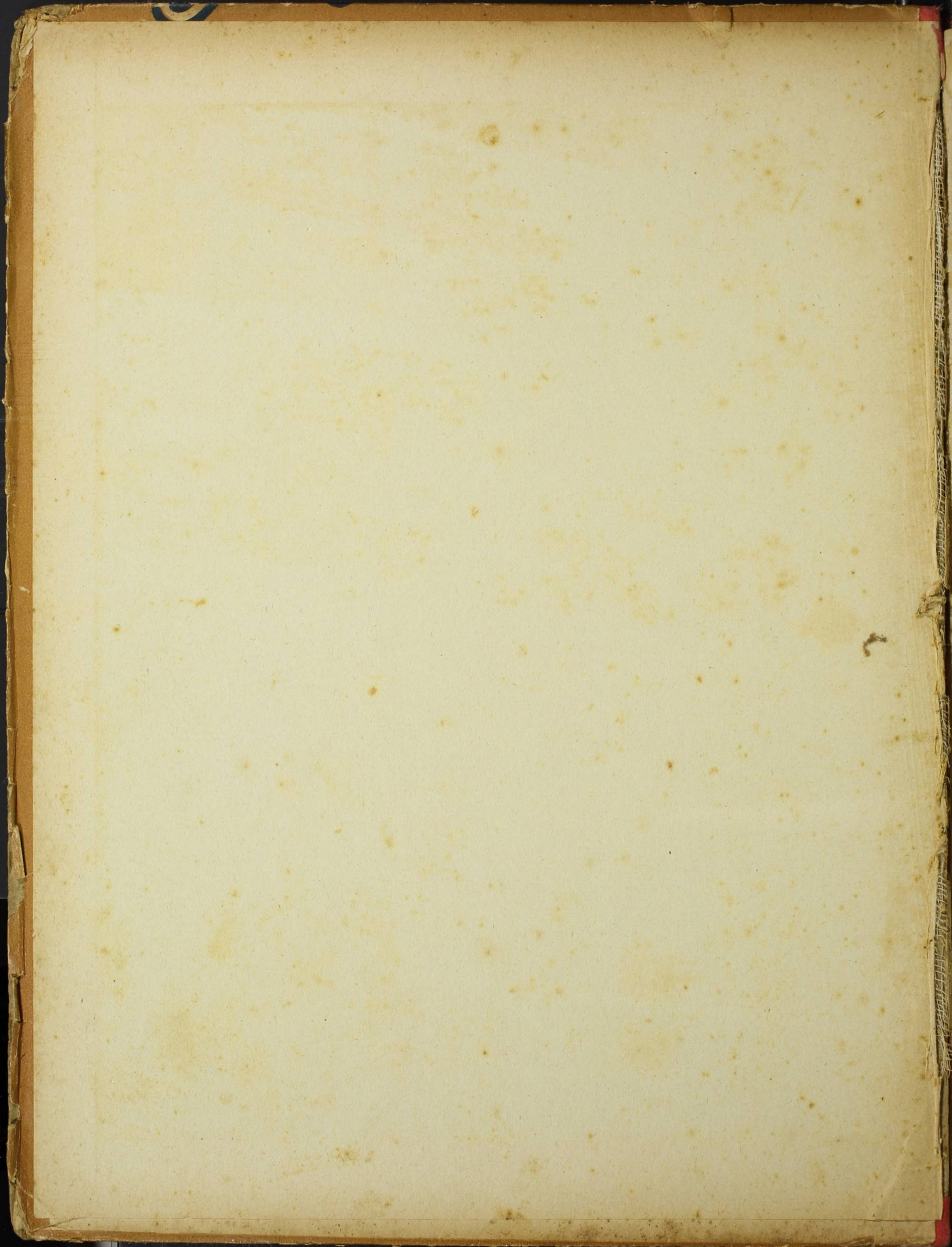


eu sei ler



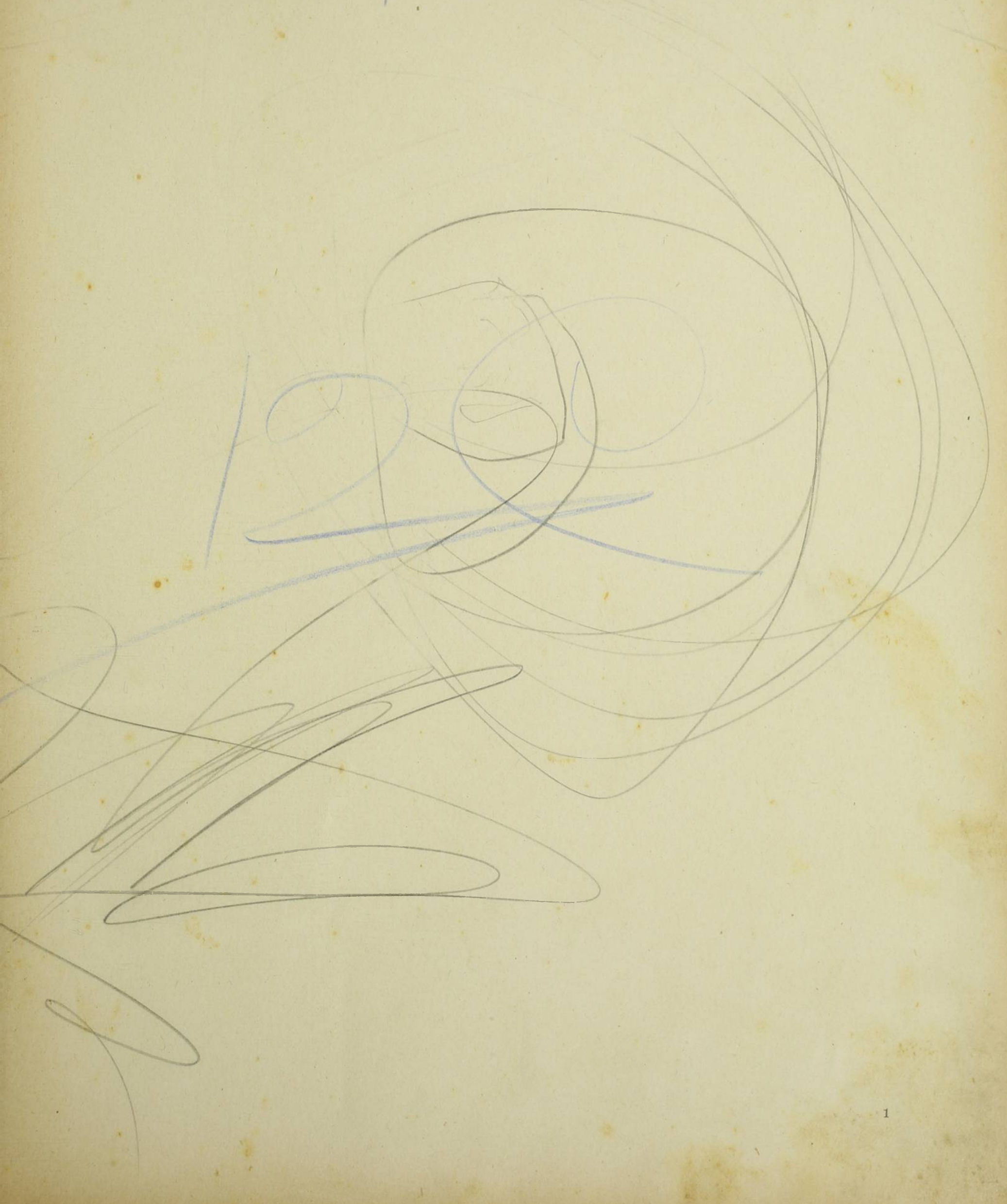
LIVRARIA GARNIER — RIO DE JANEIRO

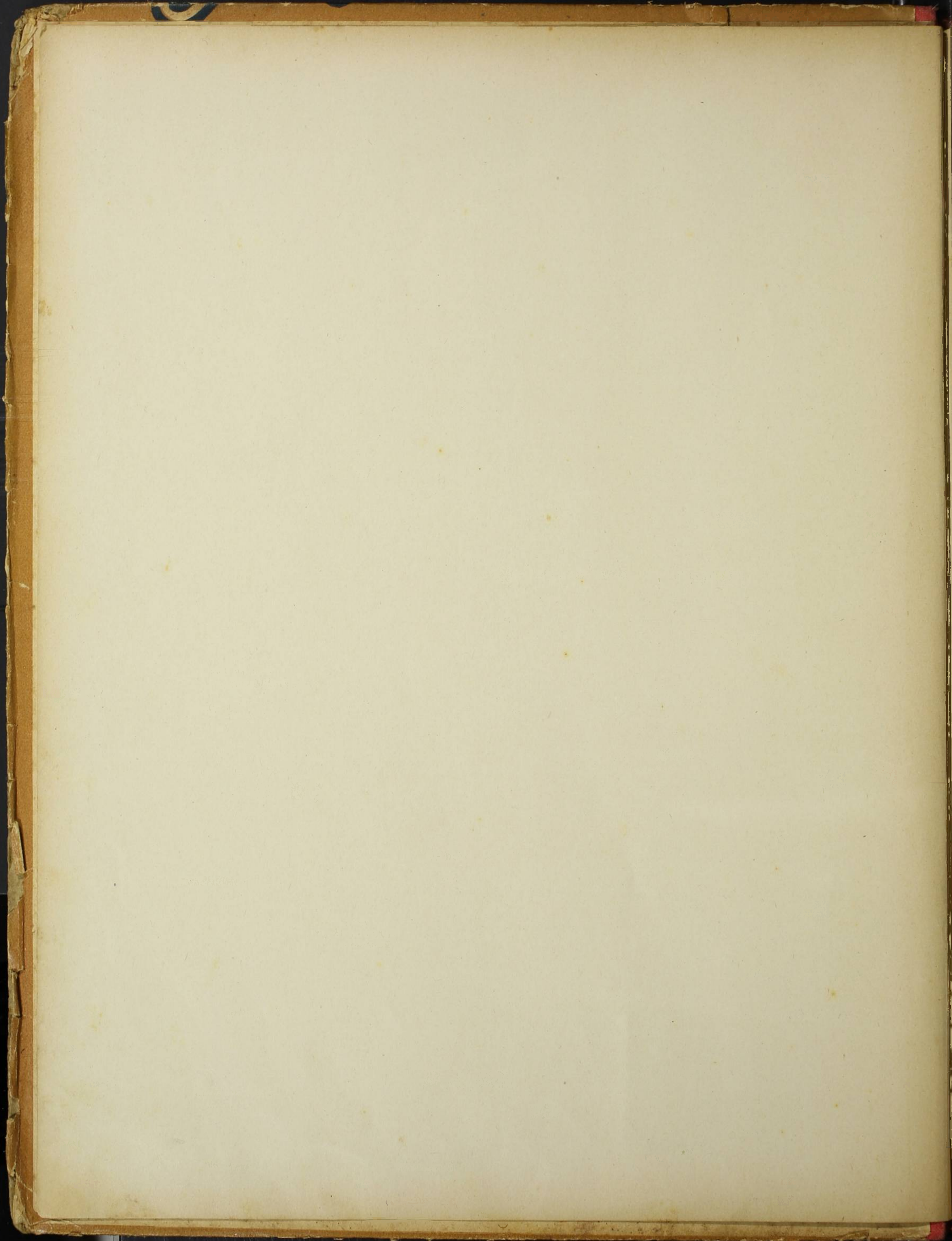


Cecilia A. de Almeida Prado

9 de Setembro 1926.

Cecilia A. de Almeida Prado

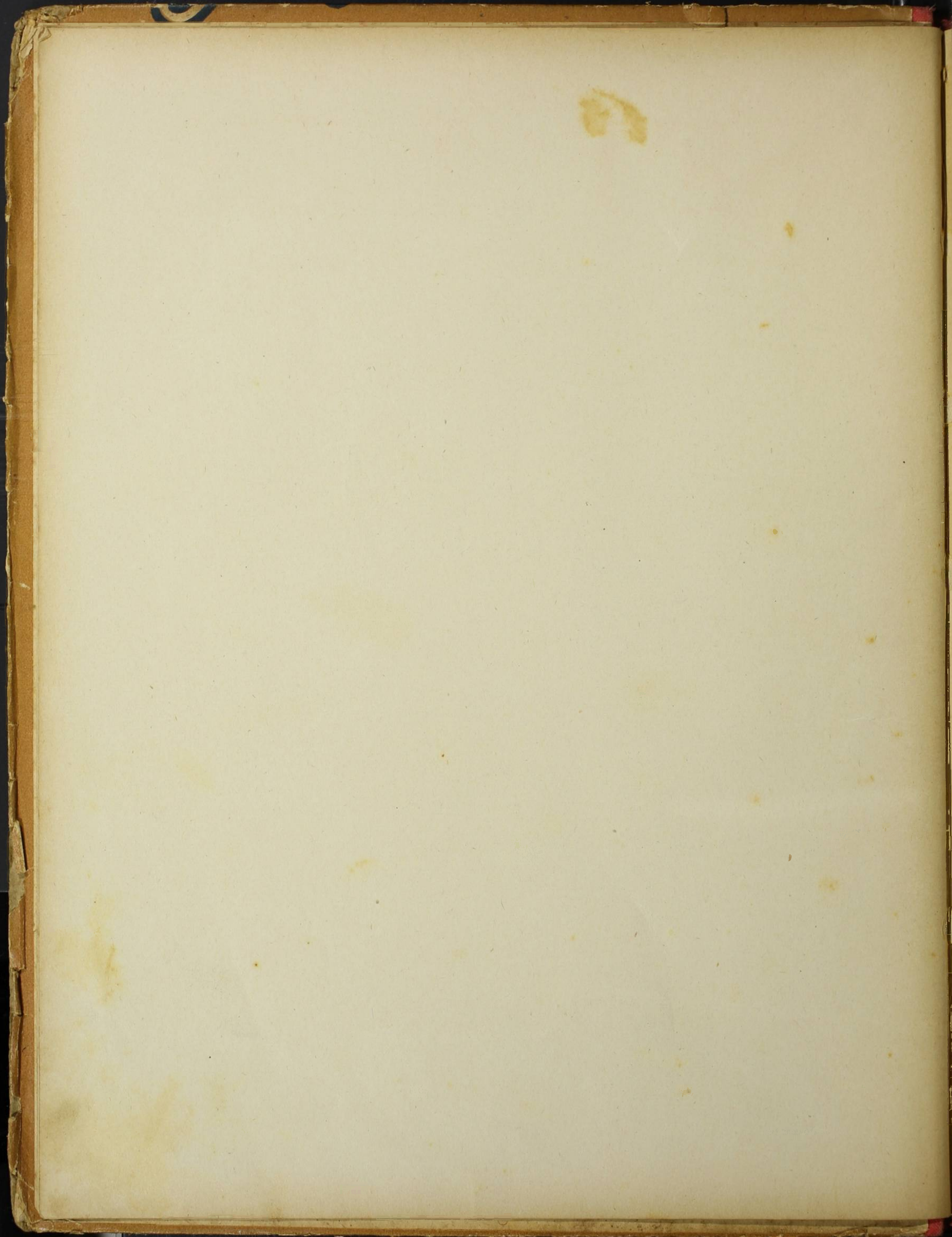




EU SEI LER

LEITURAS

E SCENAS INFANTIS



EU
SEI LER

LEITURAS
E SCENAS INFANTIS
POR UM PAPAE

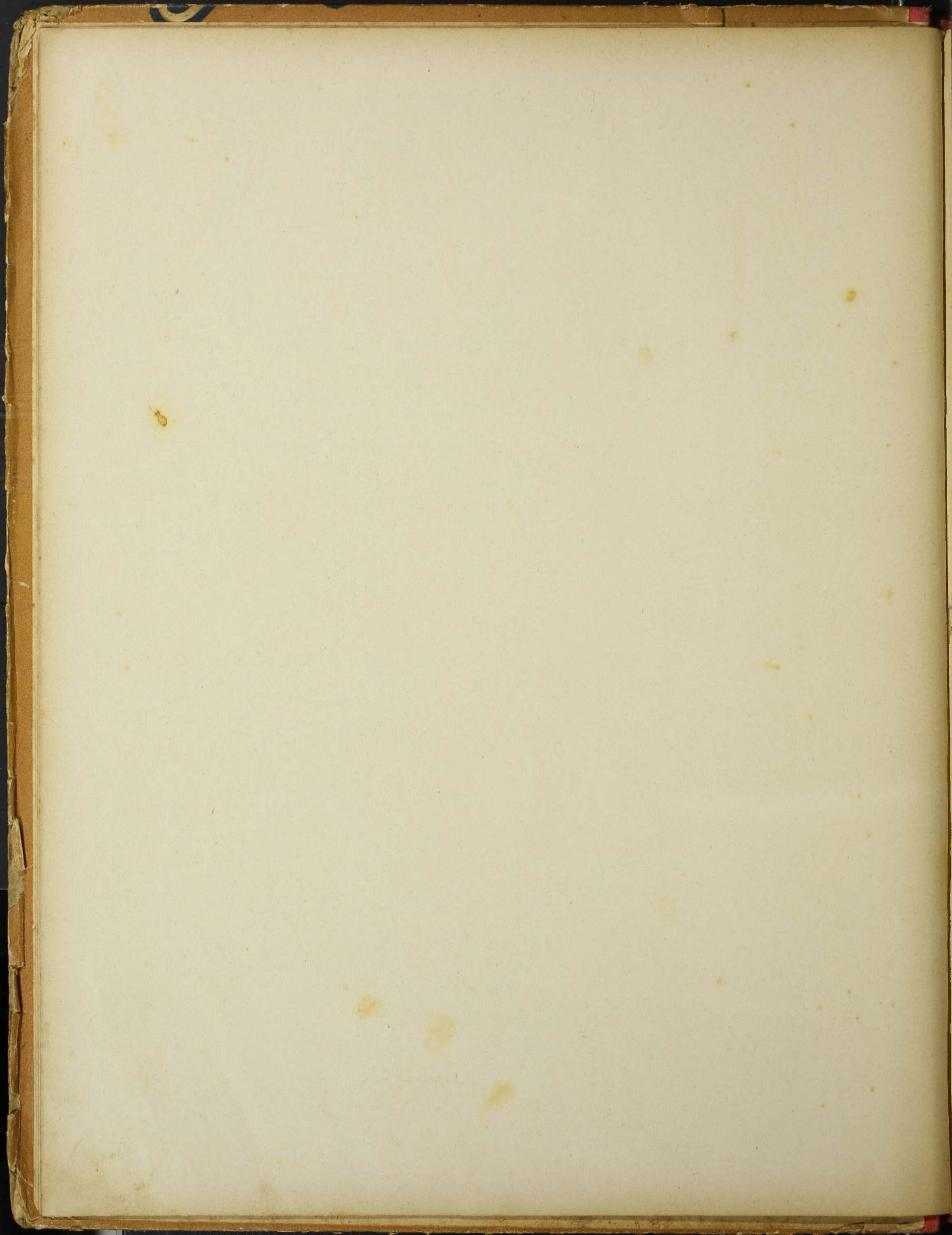
Vinte bellas historias ornadas de lindos desenhos coloridos de ROBERT SALLÈS



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS



INDICE

O baile de creanças.
O pequeno limpa-chaminés.
A caridade.
O papagaio tagarela.

A arvore de Natal.
Os pequenos curiosos.
A educação do irmãosinho.
O pequeno poltrão.

A familia do pescador.
O forte de neve.
O bastão do cego.
O gatinho d'Annita.

O theatro de bonecos.
O relógio de Joanna.
O sonho de Jenny.
Os pequenos cantores das ruas.

Um naufragio.
A boneca salva.
A colera.
As cerejas do pae Anselmo.



O BAILE DE CRENÇAS

André e Paulina foram levados pelo avô ao lindo baile de creanças, realizado em casa da Senhora Dumont, por ocasião do nascimento de sua filha Lucilia.

Depois de algumas voltas, o irmão e a irmã deixaram o grupo dos dansarinos e correram junto do ancião :

- « Então, vovô, acha bonito ? » perguntaram elles.
- Muito bonito, meus queridinhos, e estou vendo que vocês se divertem bem.
- Oh ! sim, vovô. E o senhor não se aborrece ?
- Não, minha Paulina : alegro-me vendo que vocês se divertem. Além disso, vejo nestes grupos uma imagem fiel do mundo, e procuro adivinhar o que serão mais tarde os vossos camaradas ; quaes serão os seus defeitos



e quaes as suas qualidades.

— Acha o Snr. defeitos entre nós, neste lindo baile ! perguntou André.

— Sim, meus filhos. Olhem para aquella princezinha que só dá a ponta dos dedos á sua camarada, a jardineira : é o Orgulho. Este Pierrot que se enche de doces, exposto a apa-



nhar uma indigestão, representa exactamente a Gulodice. Allí está a Inveja nos traços d'aquella pastora que olha a sua vizinha de revez porque tem no seu vestuario algumas lentejoilas mais do que ella. E aquella menina com fato de Pierrot, estendida no canapé, sem querer dansar, é a Preguiça no meio do prazer. »

Ouvem-se, de repente, gritos agudos : um postilhão atracou-se com um Polichinello e quiz arrebentar-lhe a gibba. Não conseguindo, atirou-se ao chão, aos gritos. Foi preciso carregal-o fóra da sala.

— « Allí está, finalmente, a Colera » disse o avô apontando o postilhão.

— Oh ! disse Paulina, um pouco amuada, se o Snr. quizer procurar tambem encontrará qualidades.

— Certamente, respondeu o ancião, sorrindo : vejam a amavel simplicidade de Lucilia com os seus convidados, notem como Paulo recusa correntemente os doces que lhe são offerecidos pela segunda vez ; olhem com que carinho Margarida está endireitando o vestido da sua amiguinha Maria... e, final-



mente, meus queridos netos, vejam como vocês são o modelo do amor filial : dous bons netinhos, que interromperam a brincadeira para virem abraçar o velho vovô.



O PEQUENO LIMPA-CHAMINÉS

Entrando uma manhã na sala de jantar, Margarida notou com espanto que a guarnição da chaminé estava coberta com um grande panno.

De repente ouviu o barulho de alguma coisa que cahia na chaminé. Deu um grito. O panno levantou-se e uma cabeça toda preta appareceu : « Senhor Diabo, murmurou Margarida com terror, senhor Diabo, peço-lhe que não me faça mal ! »

A cabecinha preta mostrou os seus dentes alvos e disse, sorrindo : « Não tenha medo de mim, minha bella menina, não sou o diabo, sou um pobre limpa-chaminés. »

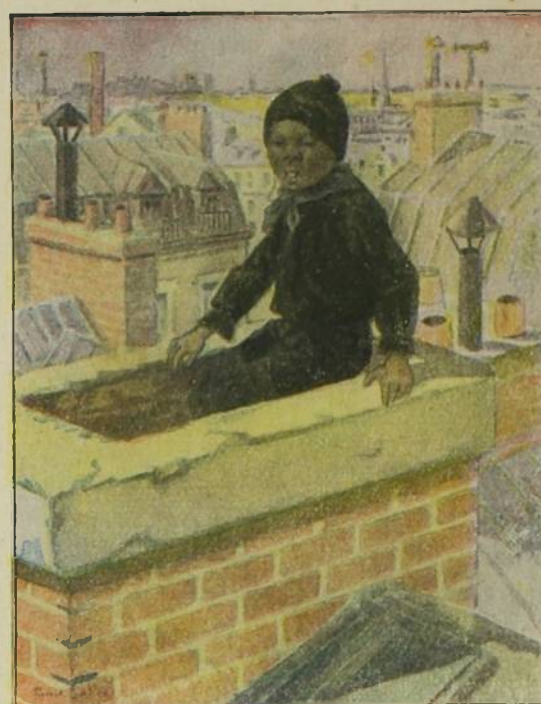


Margarida levantou-se mais tranquilla e, rindo-se do seu engano, perguntou :

« Não te machucaste, cahindo? »

— Oh! não... pouca cousa, respondeu o menino, sahindo da chaminé. Um arranhão. »

E mostrou a mão a Margarida.



— Oh! meu Deus, quanto sangue! E não choras?

— Chorar! ah! menina, no nosso officio, isso acontece muitas vezes

Margarida foi buscar uma bacia com agua, lavou a ferida do pequeno limpachaminés e amarrou-lhe a mão. Joãozinho, o limpachaminés, ficou todo contente e embaraçado diante de tanta bondade e de tanta gentileza.

A menina interrogou-o com interesse : elle disse-lhe que tinha doze annos, que era da Saboia, e que deixára seus paes porque eram muito pobres; que tinha mais dous irmãos ainda muito creanças para poderem trabalhar, os quaes tinham ficado na Saboia. Disse-lhe tambem que seria feliz quando tivesse ajuntado bastante dinheiro para voltar para casa.

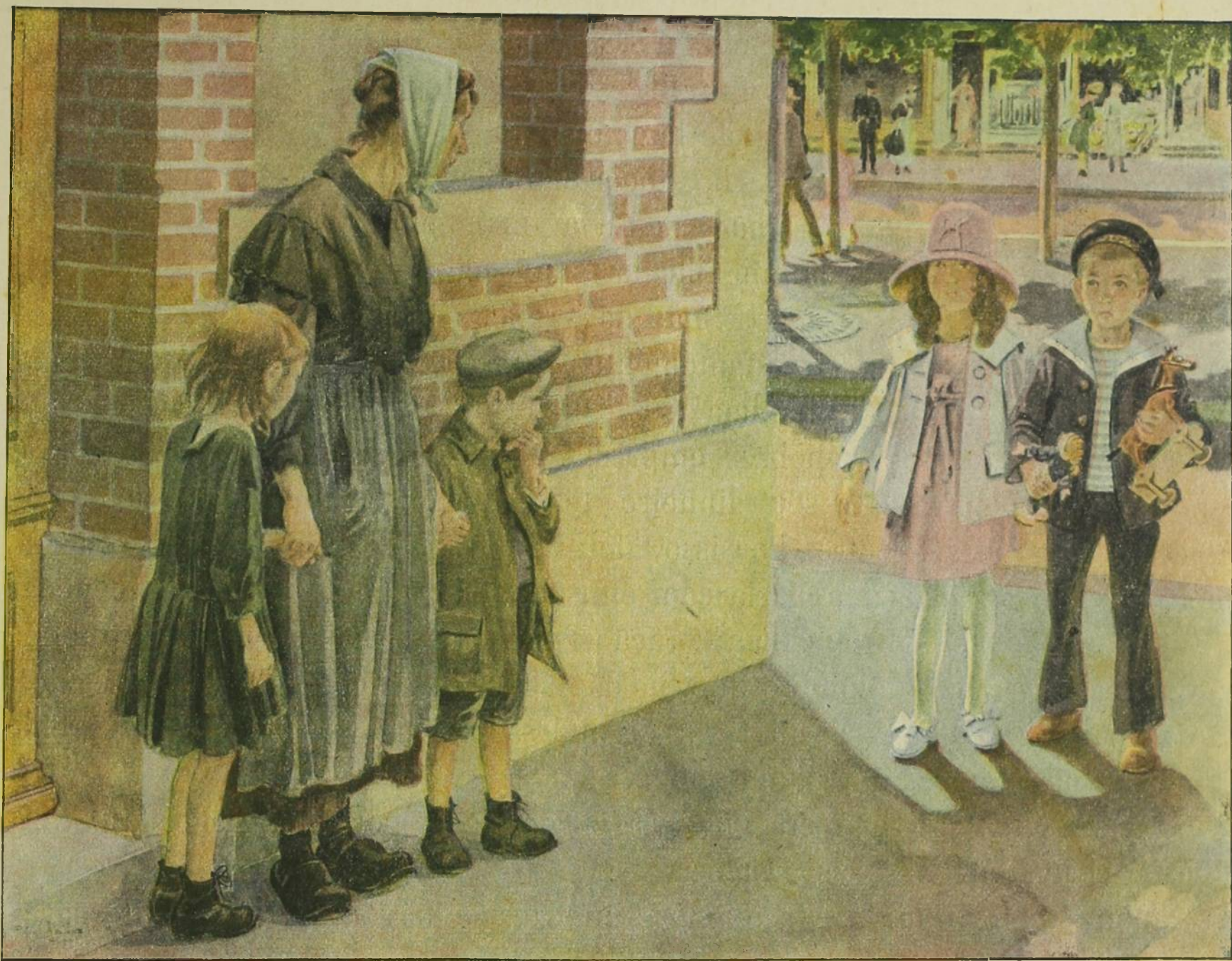
Nessa occasião, o pae e a mãe de Margarida entráram. A menina pediu-lhes que consentissem que ella desse parte das suas economias a Joãozinho, para que elle pudesse mais depressa tornar a ver seus paes.

— Nós consentimos, disseram-lhe elles, e ajuntaremos de bom grado o nosso obolo ao teu. »

— Oh! meu bom anjinho, muito obrigado! exclamou Joãozinho, ajoelhando-se aos pés de Margarida e beijando a ponta da sua saia.



— Vejo que não és rancoroso, respondeu, rindo-se, a encantadora pequena : chamame *teu anjinho* e eu tomei-te a principio por um *dial binho*.



A CARIDADE

Jorge e Maria foram ver o vovô que lhes deu, a cada um, algum dinheiro. Jorge queria brinquedos que foi logo comprar. Maria, mais economica, guardou a sua moeda para pol-a no cofre.

O irmão e a irmã encontráram, n'uma esquina, uma mulher ainda moça, dando a mão a duas creanças e pedindo esmola aos transeuntes.

A pobre mãe parecia muito infeliz e via-se quanto ella devia ter soffrido. As suas roupas e as dos seus filhos estavam gastas, rotas e já em pedaços. « Dai-me uma esmola, por amor de Deus, meus bons meninos, disse ella a Jorge e a Maria; dai-me alguns vintens, se podeis, para comprar pão para meus filhos. O pae está doente; eu sou por ora o seu unico sustentaculo e não tenho saude para



trabalhar e ganhar a vida. »
Dizendo essas palavras a pobre mulher tinha os olhos rasos de lagrimas.

Maria, toda commovida, já não pensava mais em augmentar as suas economias. Sua mãe repetia-lhe frequentemente esta bella maxima : « Quem dá aos pobres empresta a Deus, »



e a pequena achava que seu dinheiro teria melhor emprego nas mãos desta infeliz do que no seu cofre. Por isso, deu-lhe, muito contente, a sua moeda. A pobre mulher agradeceu a Maria com effusão e disse-lhe que Deus a abençoaria.

Jorge, que tambem tem bom coração, mas que é mais avoado do que Maria e gasta ás vezes mal o dinheiro que lhe dão seus paes, ficou muito aborrecido por não poder fazer como sua irmã. Ah! se pudesse entregar os brinquedos e reaver a moeda para entregal-a áquella pobre!

Mas via que isso não era possivel e, desolado por não poder auxiliá-las, olhava tristemente para as creanças.

Notou então que os pequenos infelizes olhavam avidamente para os brinquedos que tinha na mão.

Os coitadinhos nunca tinham brinquedos!

Tomem lá, meus amigos, disse Jorge vivamente, tomem lá para brincar. D'outra vez serei mais prudente e poderei fazer uma esmola mais util.





O PAPAGAIO TAGARELA

Os paes de Luiza são donos d'um lindo papagaio que decora facilmente tudo quanto ouve. A principio a pequena estava mui contente : todas as vezes que recebia felicitações do papae e da mamãe, o papagaio as repetia durante muitos dias e diante das visitas.

Infelizmente, o comportamento de Luiza mudou. A menina ficou negligente, preguiçosa e teimosa. Seus paes ralhavam com ella, e ella chorava, gritava e tinha sempre a cara vermelha e os olhos inchados.

Os amigos da casa estavam admirados de ver Luiza desfigurada e amuada ; o papagaio, porém, não tardava em dizer-lhes o motivo dessa mudança : « Luiza é uma preguiçosa, dizia elle. — Luiza sujou o vestido. —



Luiza desobedeceu. — »

Luiza estava furiosa ; chorava de raiva e, n'aquellas occasiões, estrangulava de boa vontade o papagaio que, no entanto, nada mais fazia do que repetir o que ouvia.

E, todavia, a pequena não se corrigia ! Um dia, tendo quebrado um objecto pre-



cioso, ella ousou accusar a criada. Esta não teve grande difficuldade em provar a sua innocencia : « Luiza mentiu, disse severamente a mamãe, e vai ser duplamente castigada. »

Luiza temia o castigo, mas temia ainda mais o papagaio. Que vergonha se elle repetisse essa phrase como repetia tantas outras ! Estava fazendo essa reflexão, quando bateram á porta da casa. Perdendo a cabeça tirou a ave do poleiro e pol-a no jardim.

« Onde está o papagaio ? perguntou o pequeno Paulo, entrando no salão. E todas as senhoras exclamaram : Meu Deus ! teria talvez morrido !

A mãe de Luiza não sabia o que pensar. Interrogou sua filha, que respondeu, corando : Não sei .. não toquei em Jacquot. »

Apenas acabava ella de pronunciar estas palavras quando o papagaio, entrando pela janella, foi para o seu poleiro, gritando bem alto : « *Luiza mentiu, e vai ser duplamente castigada.* »

Atterrada, Luiza atirou-se aos pés de sua mãe e disse-lhe, banhada em lagrimas : « Fui eu, mamãe, fui eu quem expulsou o papagaio ; Deus me castiga ; para o futuro serei



bem comportada e nunca mais mentirei ! »

Luiza foi perdoada e tiveram razão de perdoal-a, pois hoje Jacquot só faz elogios da sua patroasinha.



A ARVORE DE NATAL DOS ALSACIANOS - LORENOS

O tio Claudio, como bom e fiel alsaciano, se tinha alistado no exercito desde a declaração da guerra, embora contasse cerca de sessenta annos, e valorosamente contribuiu para reconquistar a terra que elle deixára, creança, em 1871. Pela sua bella conducta, ganhára a Cruz de Guerra e a Medalha Militar, mas perdêra uma perna.

Depois da victoria, viera installar-se na sua aldeia natal, onde uma parte da sua familia havia permanecido, e ahi se tornára logo grande amigo de seu sobrinho Fernando, o qual militarmente se apresentava no seu uniforme de boy-scout, e de sua sobrinha Cecilia, que trazia, como insignia da sua nova qualidade de franceza, um bello tope de seda tricolor sobre a larga fita preta, que é o adorno das alsacianas.



« Um dia, as duas creanças viram, com surpresa e inquietação, que o tio interrompia subitamente a leitura do seu jornal e derramava lagrimas. — Que tens tu? Porque choras? perguntaram-lhe affectuosamente. Qual é a causa da tua dôr? — Não é um soffrimento que me faz chorar, mas uma suave emoção, disse elle. Acabo de lêr que no dia de



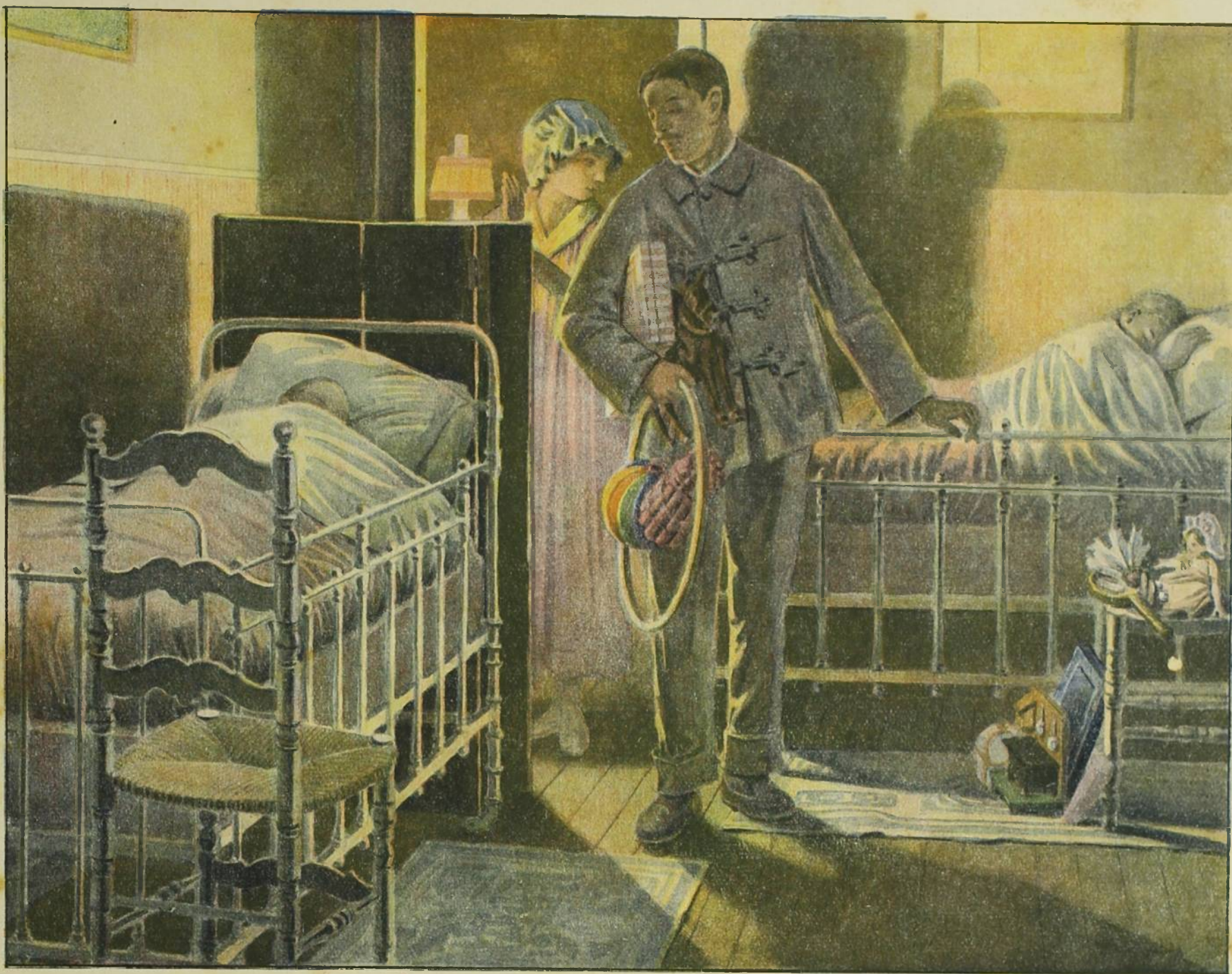
Natal grandes arvores serão armadas em todas as escolas da Alsacia e da Lorena, para jubilo das creanças, agora francezas. Veremos as dansas em volta do pinheiro tradicional, de folhagem sombria, em que se destacarão as vivas côres francezes, e em que estarão suspensos bonitos e engenhosos brinquedos fabricados pelos habéis operarios de Paris. Ao lêr o meu jornal, pensava no contentamento que tereis e recordava-me de outra festa de Natal, a ultima celebrada antes do meu exilio. Eu tinha menos idade do que vós, meus sobrinhos. Foi uma festa muito triste... Mas, esqueçamos esses máos momentos. Os vossos são felizes. A Alsacia e a Lorena se acham, finalmente, restituídas á França, de que são as filhas queridas. Se um dia vos visseis privados dos carinhos maternos, não seria immensa a vossa angustia?

— Certamente, tio Claudio. — E se voltasseis á companhia de vossa mãe, não seria intensa a vossa alegria? — Sim. — E' o que succede agora. Recuperastes a mãe-patria. Cumpre que sejaes dignos d'ella. E' preciso que vos torneis bons francezes. — Que é necessario fazer? perguntou Fernando. — Deveis continuar a apprender a lingua franceza, assim como a historia da França até á ultima guerra, que foi longa e terrivel. — Terrivei para ti, meu tio, disse Cecilia. — Paguei, com a perda de

uma perna, a conquista da minha terra; não acho muito. Não devemos, porém, jamais esquecer os innumerados francezes, mais moços e mais uteis do que eu, que pagaram essa conquista com todo o seu



sangue. Seja-vos a vossa terra mais cara, depois d'esse sacrificio. Pensae nos mortos no dia de Natal, deante d'essa arvore que, á custa da vida, elles tornaram o commovente symbolo do nosso renascimento.



OS PEQUENOS CURIOSOS

Ha tres cousas que muito dão que pensar a Carlos e a Lucia : não podem elles comprehender como S. Nicoláu viaja pelos tectos, como desce pelas chaminés, montado n'um burro, como se diz, nem como Jesus vem, por sua vez, encher de brinquedos os seus sapatos, na noute de Natal.

A força de cansar o espirito para comprehender essas maravilhas, tiveram, ambos ,sonhos singulares : Carlos sonhou que surprehendia S. Nicolau, na occasião em que elle passeava, montado no burro, diante da chaminé e que a cauda do burro na qual pegára para reter a apparição, ficára na sua mão e transformára-se n'um grande martello.

— Quanto a Lucia, julgou ella ver o pequeno Jesus, com uma grande au-



reola na testa e os braços cheios de brinquedos.

Descera então da cama e querendo approximar-se da divina creança, o pequeno Jesus virou-se para ella, impoz-lhe silencio e desapareceu.

Conversando sobre essas aparições na vespera do Anno Bom, Carlos e Lucia



não puderam adormecer. Seus paes muito lhes tinham falado, dias antes, do *tio Janeiro* que, diziam elles, devia trazer presentes a ambos, se fossem sempre bem comportados.

Os sonhos do irmão e da irmã só tinham feito excitar a curiosidade de ambos.

Todavia, não ousáram mexer-se, quando, cerca de meia-noute, ouviram que alguém abria devagar a porta e viram entrar um homem alto trajando um casacão.

Era sem duvida o *tio Janeiro*. O recémchegado olhou para as camas e julgando que as creanças estavam adormecidas deixou perto dellas tudo quanto tinham pedido nos ultimos tempos.

Embora a gola do casacão occultasse parte do rosto do *tio Janeiro*, Carlos e Lucia julgaram reconhecer o pae. Lucia pensou mesmo ter visto perto da porta meio-aberta o rosto sorridente de sua mãe.

Não sabendo como fazer, Carlos e Lucia renunciaram ao plano de descobrir todos esses pequenos mysterios. Receiam que a sua curiosidade venha ti-



rar o encanto das surpresas e dizem com razão que foi principalmente para as creanças a adopção desta linda maxima : « *O somno traz a felicidade.* »



A EDUCAÇÃO DO IRMÃOSINHO

Jorge e Helena, que foram passar alguns dias em casa de seus avós, encontram, ao seu regresso, n'um lindo berço cõr de rosa o irmãosinho que lhes fõra, havia tanto tempo, promettido. Como era de imaginar, foi grande a alegria que tiveram. — « Como devemos chamal-o, mamãe? perguntáram ambos ao mesmo tempo. — Leão, disse a mãe.

— Oh! vamos gostar muito delle, disse Helena, procurando ver o rostinho do bébé, escondido na sua touquinha e ainda tão pequenino.

— Papae e mamãe ja têm muito que fazer; vamos nós ser o papae e a mamãe de Leão, queres Helena?

— Sem du ida, respondeu a menina. Vamos ensina-lo a andar e vamos



instruill-o. Oh! que prazer!

Jorge e Helena cumpriram a palavra. No fim d'um mez, Helena alcançou grande victoria: conseguiu que Leão sorrisse.

Alguns mezes mais tarde foi Jorge quem fel-o dar as primeiras risadas, fazendo dansar um polichinello.



— Oh! como elle ri com vontade! Venham todos vel-o rir-se, exclama Helena.

Durante muito tempo Leão só diz *oua, oua*. Em vão cansam-se seu irmão e sua irmã, repetindo-lhe *papae e mamãe*. Uma manhã o pequenito acordou e começou a sua tagarelice habitual, quando Helena, maravilhada, exclamou: Ouve, Jorge, o que diz o irmãosinho! ouve!

— Jorge, levantando-se poz-se a escutar e ouviu. Leão dizia mui distinctamente: *pa-pa, pa-pa, pa-pa*. Bravo! irmãosinho, disse Jorge aplaudindo.

Quinze dias mais tarde, Leão, sem duvida animado pelos applausos do irmão mais velho, dizia tambem *ma-man, ma-man*.

Agora é preciso ensinal-o a andar, disse Jorge. O papae e a mamãe começaram a educação; Jorge e Helena continuaram-na. Que alegria no dia em que o irmãosinho, sahindo dos braços de Jorge, corria, rindo-se, para os de Helena!

Leão cresceu e desenvolveu-se visivelmente. Faz exercicios com um pausinho, sob o commando de Jorge. Helena, do seu lado, ensinou-o a juntar as mãos para rezar e offe-



recer o seu coração a Deus.

Sem a menor duvida o querido irmãosinho gostará sempre muito do pequeno papae e da mamãesinha que tanto se interessam por elle.



O PEQUENO POLTRÃO

Victor é um menino muito poltrão. Quando chega a noite, fica muito amedrontado. Não seria capaz de ficar n'um quarto onde não houvesse luz. Quando sae, basta o menor incidente para fazel-o voltar como um louco para a casa de seus paes. Em todas as sombras julga ver phantasmas ou, pelos menos, malfeitores.

Sua mãe mandou-o, um dia, á aldeia ; o pequeno divertiu-se tanto que, chegada a noite, ainda elle estava no meio dos campos. Vendo que já estava escuro, Victor começou a correr ao acaso. Chegando a uma cerca, o pequeno poltrão viu com angustia que era necessario ou ficar alli ou voltar. Estava reflectindo nisso, quando ouviu um grito singular. Viu, em seguida, uma ca-



beça apparecer por cima da cerca, com dous olhos brilhantes, fitos nelle, uma especie de barba hirsuta e um bom par de chiffres. Com os cabellos em pé e dominado pelo pavor, o menino gritou : « E' o diabo ! E' o diabo ! » O terror deu-lhe forças para voltar a toda a pressa. Virou, porém,



a cabeça e viu o diabo saltar por cima da cerca, ouvindo ao mesmo tempo o som de uma campainha e gritos fortes de chamada. Victor corria tão depressa, que nem uma locomotiva o apanharia. Mas — ó desespero — um dos seus pés embarça-se n'umas raizes de arvore e... zás ! cil-o por terra. O pequeno fechou os olhos, gritando : papae ! mamãe ! estou perdido. » Uma gargalhada respondeu a esse grito. « Como é, Snr Victor, que o Snr. toma *Bébéle* pelo diabo ? » disse uma voz de menina. O pequeno poltrão levantou a cabeça. Tinha diante de si, Nicolina, a pastora, com a sua cabra favorita. « Era *Bébéle* ? » balbuciou Victor, levantando-se envergonhado. — Mas sim, era ella, disse a menina, rindo-se novamente. E o Snr, sendo homem, é tão poltrão... Eu que sou uma menina não tremo assim. Ah ! ah ! ah ! como o Snr é medroso ! Quer que o acompanhe ? — Não disse o menino, cada vez mais envergonhado, agradeço-te Nicolina ; não tenho mais medo.

E, com effeito, depois desta famosa aventura, Victor parece curado da sua poltroneria.





A FAMÍLIA DO PESCADOR

Martha foi ter á praia com seus tres filhos. André, o mais velho, só tem cinco annos; Maria, a segunda, tem tres; Jorge, o ultimo, tem apenas seis mezes.

Era a hora da volta do marido, honrado pescador que parte todas as manhãs na sua canôa e vai apanhar peixe que vende para sustentar sua familia.

Martha estava inquieta. Nuvens pretas appareceram, ao longe, no céu. Tornavam-se cada vez mais espessas. O vento soprava forte, o mar agitava-se, as ondas quebravam-se com violencia nas pedras.

André e Maria tinham medo. Jorge, mui pequenino pare ver o perigo, dormia nos braços de sua mãe. Lagrimas corriam dos olhos de Martha: « Ah!



meu Deus, dizia ella, se acontecesse alguma desgraça a meu pobre Jacques! Estar no mar com tão máu tempo! As ondas podem virar a canôa! Que vai ser de mim! dos nossos filhos! »

Ella procurava, todavia, tranquillisar as pobres creanças. Disse-lhes que se ajoelhassem : « Rezem, re-



zem, meus queridinhos e peçam a Deus para deixar papae viver! »

O céu escureceu quasi completamente; trovejava e, de vez em quando, relampagos pareciam rasgar o manto celeste, mostrando-o todo em fogo.

Com a luz d'um relampago, Martha viu uma canôa que luctava contra as ondas.

« E' vosso pae, meus filhos, exclamou ella, que Deus o salve! »

E as duas pobres creanças, levantando para o céu as suas mãosinhas, diziam alto juntas : « Oh! meu Deus! meu Deus de bondade salvae-o!... »

A chuva cahia forte e densa. Martha levou seus filhos para perto das ruínas d'uma cabana. O céu parecia dissolver-se em agua.

Pouco a pouco foi o diluvio cessando. As nuvens se dissiparam, o mar acalmou-se; appareceu, então, brilhante « arco-iris ».

De repente, uma voz alegre fez-se ouvir : « Martha!... André!... Maria!... Então!!... não me abraçam? »

As creanças e a mãe deram um grito de alegria e precipitaram-se nos braços do pescador. « Safei-me, disse elle, mas tive medo. A canôa quasi virou.

— André e Ma-



ria rezavam, disse Martha, ainda commovida.

— Papae deve saber, accrescentou Maria, que Deusbondosoouve sempre as creanças que rezam pelos seus paes. »



O FORTE DE NEVE

E' particularmente nos campos que a neve faz a alegria dos rapazes. Uns divertem-se em fazer com ella bolas que tomam, ás vezes, dimensões taes que muitos reunidos difficilmente podem deslocal-a. Outros fazem bonecos enormes, verdadeiras estatuas da mais pura alvura, que o sol reduz a agua lamacenta.

Os rapazes pintados n'esta gravura figuram cousa ainda melhor. Construíram um forte de neve e dividiram-se, depois, em duas tropas, uma de seis soldados para defendel-o, e a outra de oito para atacal-o. Elles sabem perfeitamente que é mais facil defender-se n'um logar fortificado do que tomal-o de assalto. E' por isso que o numero dos sitiados é menor do que o dos assaltantes.



Os cercados defendem-se bem; justiça lhes deve ser feita. Cobrem de neve os assaltantes. Um destes ultimos cahiu da pequena escada que tinha encostado á muralha. O canhão não expelle balas, porque é de neve como as fortificações; mas Augusto, que está por trás, imita de vez em quando



o tiro de peça, tocando zabumba. A cousa parece realmente uma batalha.

Julio que batia-se como um pequeno leão, recebeu uma bola nos olhos. Embora valente, põe-se a chorar; Martha, a cantineira, dispensa-lhe todos os cuidados. Se, ao menos, ella tivesse um pouco de vinho para offerecer ao ferido, este tomaria mais animo. Mas os barris das pequenas vivandeiras não se parecem com os das grandes : estão sempre vazios.

« Victoria ! » gritam os assaltantes. Um delles conseguiu abrir uma brecha no forte. Todos os seus camaradas atiram-se ao assalto, commandados por Mauricio. Trava-se então furioso combate, os sitiados augmentam a sua energia, as bolas de neve cruzam-se em grande quantidade. Houve um momento em que se acreditou que o ataque seria repellido; mas no fim de alguns minutos, a scena mudou de aspecto.

Apezar da sua bravura, os defensores do forte foram reduzidos á impotencia depois de prodigios de valor. Não podiam mais sequer atirar os seus projectis para se defenderem.

Em vão tocava Augusto a sua zabumba : já não



espantava mais o inimigo.

Pouco depois não se ouviu mais o canhão e a bandeira dos assaltantes estava desfraldada no forte.



O BASTÃO DO CEGO

O pae Bernardo é um velho cego sem familia, sem recursos, sem ter sequer um cão para guial-o quando implora a caridade publica.

O unico guia do pobre velho é o seu bastão. Por isso o pae Bernardo não o larga.

« São os meus olhos », diz elle com um sorriso de resignação.

Um dia, passando o pae Bernardo por uma pequena praça, onde brincavam alguns meninos, seu bastão ficou preso entre duas pedras e escapou-lhe das mãos.

Tendo em vão procurado em redor de si, o cego, ouvindo os cochichos e as risadinhas abafadas das creanças, disse-lhes meigamente :



« Sois creanças, deveis ser bons : peço ao mais compadecido que apanhe e dê-me o meu bastão. »

Algumas das creanças iam, sem duvida, attender a esse pedido, mas Ludovico, que é um pequeno biltre, não lhes deu tempo para reflectir nos bons sentimentos e, pegando no bastão,



gritou : « Está comnosco o teu bastão, velho estouvado, e vamos guardal-o; só queremos ver como te arranjarás. »

Nada pode abalar as más creaturinhas; e, como o cego se dirigisse para o seu lado com o fim de obter o que lhe pertencia, os meninos fizeram roda, puzeram-no no meio, e dansaram em redor d'elle.

Emquanto cantavam alegremente, o pobre velho chorava.

Raymundo e Clara, sahindo da escola, atravessaram a praça n'aquella occasião.

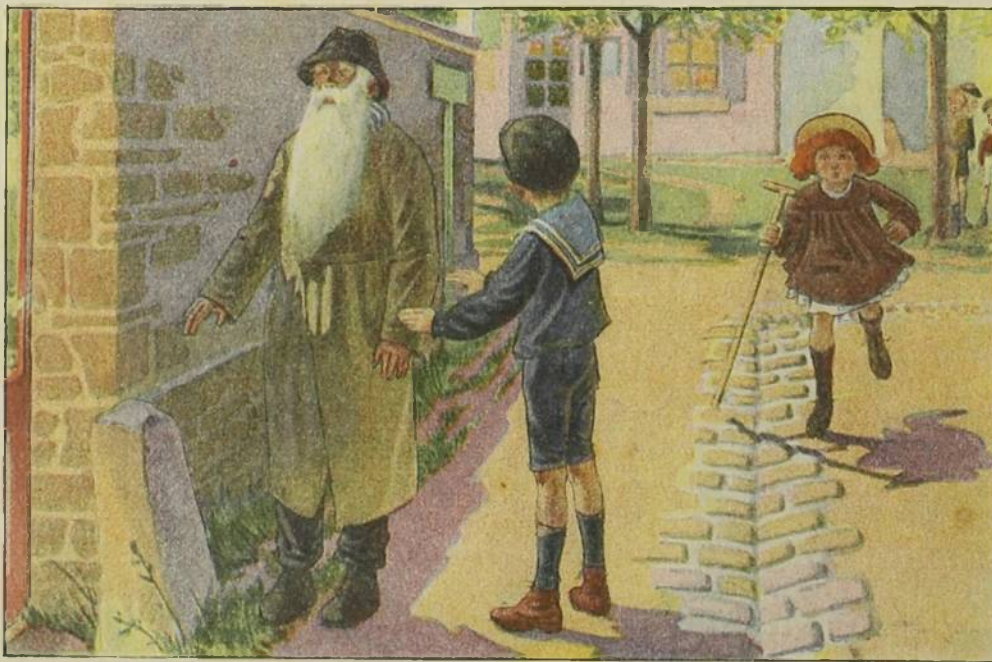
Viram a situação do pobre velho, a dôr que o affligia e comprehenderam logo o que se passava.

Ludovico tinha atirado longe o bastão do pae Bernardo.

Raymundo foi buscal-o, rompeu a roda e dirigindo-se com indignação aos pequenos carrascos, ordenou-lhes que se retirassem.

Nesse interim Clara aproximára-se do velho para consolal-o com palavras affectuosas.

Raymundo entregou-lhe o bastão. Em seguida o irmão e a irmã



indicaram - lhe o caminho.

O cego chorava ainda, mas era de emoção :

« Felizmente, disse elle, ainda ha creanças boas. Deus vos abençoará, estou certo. »



O GATINHO D'ANNITA

Annita possui um lindo gato branco, que é um animalsinho muito divertido.

Ha ocasiões em que, brincando com um novelo de lã que tirou d'uma cestinha de costura, atira-o para longe com uma patada habilmente dada; corre, depois, para apanhal-o, como se fosse um cammondongo, atira-o mais longe e continúa na brincadeira até cançar-se.

Outras vezes, pula d'um movel para uma cadeira, espantando os que ignoravam a sua presença; sobe pelas cortinas e depois de saltar aqui e acolá, atira-se ao collo da sua patrôasinha que, habituada a essas travessuras, ri-se a bom rir.



Annita também possui um lindo canário que canta admiravelmente logo que aparecem os primeiros raios de sol. Muitas vezes *Mimi* pára e põe-se a ouvir o canto, olhando para o cantor com olhos brilhantes. Annita pensa que *Mimi* gosta do canto de *Fifi*. Eu penso que se *Fifi* cahisse nas garras de



Mimi, este prefereria trincar nos dentes o pequenino cantor a pedir-lhe que cantasse uma copla.

Todavia, *Mimi* respeita Azor, pequeno cão preto, favorito do pae d'Annita. Comiam muitas vezes juntos e nunca os dois camaradas brigaram como « cão e gato ».

Embora sempre manso — quem tal diria? — arranhou um dia bem forte uma menina. O gatinho estava descansando no collo d'Annita, quando chegou a amiguinha Adelia.

— Porque ficas sentada? perguntou Adelia a Annita.

— Silencio, respondeu a ultima, levando o dedo aos labios, cala-te! *Mimi* esta cançado, e adormeceu. Adelia dá uma boa risada.

— Então não ousas mexer-te, para não acordar o gatinho? Espera, vou eu acordal-o! E puxou *Mimi* fortemente pela cauda.

Mimi que dormia com um olho meio-aberto, virou-se logo e arranhou o rosto de Adelia.

A menina, vendo o sangue correr com abundancia, poz-se a gritar.

Foi curada, mas durante muito tempo ficou com



o signal do arranhão.

Prometteu então ser mais carinhosa para o gatinho que, como seus semelhantes, só aradam aos que os tratam bem.



O THEATRO DE BONECOS

E' bem divertida uma representação do theatro de bonecos.

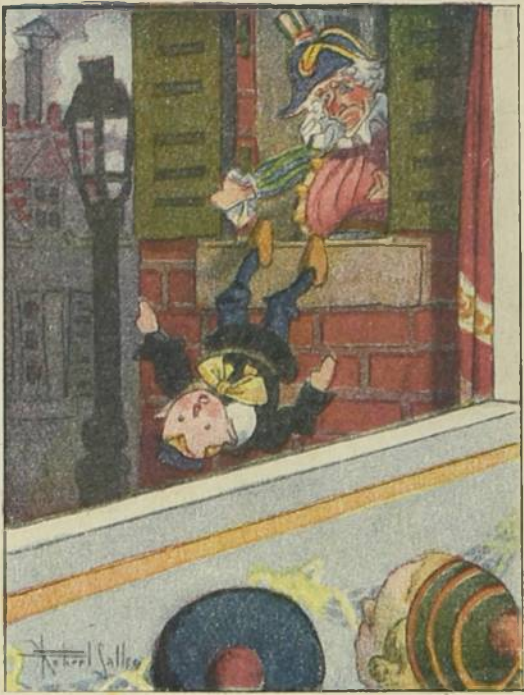
E' curioso ver a atenção com que os meninos e as meninas acompanham este interessante espectáculo.

Polichinello sovou a mulher, atirou seu filhinho pela janella, e deu pancada no delegado de policia. O diabo apresentou-se de repente.

— Ah! ah! disse Paulo, Polichinello vai ser agora castigado.

— Não creio, observou Margarida. Polichinello é mau; é capaz de esbordoar o diabo, como esbordoou o delegado.

— Oh! não, disse Jorge; um diabo é muito mais forte do que um delegado.



— Tenho medo do diabo, disse Angela escondendo a cabeça no seio da sua irmã.

— Estás tola? responde-lhe esta ultima, bem vês que elle é pequenino e não póde fazer mal a ninguem.

— Não tenham medo, meninas, exclamou corajosamente Mauricio, com o seu bonnet na cabeça e o sabre



lado; se o diabo vier até cá, cortar-lhe-hei as orelhas.

— Silencio, silencio, disse uma voz : não se ouve.

Faz-se silencio e o diabo recomeça o seu discurso.

Apenas começou a falar e Polichinello a escarnecel-o, quando uma creancinha de seis mezes que estava no collo da ama acordou e poz-se a gritar : *Ou-ã, ou-ã, ou-ã, ou-ã.*

— Silencio, silencio! gritam de todos os lados.

A ama esforça-se, em vão, para que a creança se cale. O pequenito grita ainda mais forte e o diabo vê-se obrigado a interromper a sua conversa.

Mauricio levanta-se e olha severamente para a ama. « Faça o pequeno calar-se ! » gritou elle.

A ama intimidada procura fazer festa á criança, embalando-o nos braços, mas ella chora cada vez mais forte : *Ou-ãn, ouãn, ou-aãn...*

— Fóra! fóra! gritam todos os espectadores.

A creada comprehendeu e retirou-se, ralhando com a creança que, apenas sahiu, calou-se.

— Que singular ideia de trazer aqui creancinhas!



exclamou Agatha, uma menina de cinco annos.

A representação continuou e o diabo carrega Polichinello, no meio dos applausos dos espectadores.



O RELOGIO DE JOANNA

O que vou contar-lhes, meus filhos, não é um conto: é uma historia verdadeira. Ha pouco tempo ella foi publicada em todos os jornaes, mas como vocês não leem jornaes, vou dizer-lhes o que é:

Joanna é uma menina feliz. Seu avô que a adora é um escriptor celebre, cujo nome vocês conhecem certamente e cujas bellas obras são lidas por todos. Este vovô gosta, aliás, de todas as creanças, e consagrou-lhes as suas mais bellas poesias.

Ultimamente, o avô de Joanna fez-lhe presente d'um lindo relógio, pequeno, mas dando bem todas as horas. Imaginem só a alegria da menina: não cabia mais em si de contente. Só quando foi dormir é que separou-se do objecto



querido; no dia seguinte, quando levantou-se, foi logo buscá-lo para fazê-lo dar as horas.

Nessa ocasião não havia ninguém no quarto de Joanna. A criada tinha entrado para accender o fogo, porque estava fazendo frio e sahira devagarinho para não accordar a pe-



quena.

Em vão Joanna chamou a criada para pedir que lhe desse o relógio; afinal tomou o partido de levantar-se para buscar o brinquedo e voltar depois para a cama.

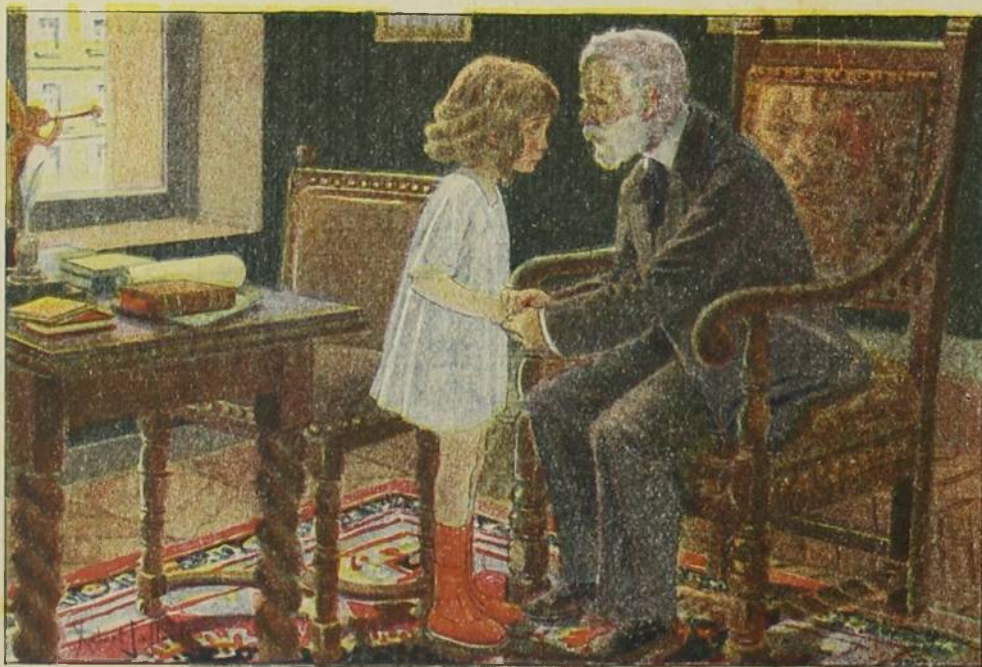
Levantou-se e correu á chaminé. Mas, na sua precipitação, aproximou-se muito perto do fogo; algumas faíscas caíram na sua camisa que começou a arder.

Joanna teve medo, chamou, mas não poz-se a correr, como teriam feito outras crianças da sua idade. Compreendeu que se corresse, o fogo augmentaria.

Seu avô lhe contára, alguns dias antes, que uma mulher cujos vestidos começaram a queimar, rolou pelo chão e, deste modo, abafára as chamas.

A menina, lembrando-se da anedocta, rolou no chão, sem largar o seu relógio, e apagou o fogo da camisa, ficando apenas levemente queimada.

Joanna andára mal levantando-se sem permissão e expondo-se ao mais



terrível dos accidentes; mas soube resgatar o seu erro pela sua presença d'espírito diante do perigo, e seu avô não pode recusar-lhe o perdão.



O SONHO DE JENNY

Jenny adormeceu á cabeceira da cama de sua mãe doente, de quem estava tratando, havia já muitos dias, com uma abnegação admiravel.

A pobre pequena pouco ou nada dormira nas noutes precedentes. Sua mãe tinha febre forte e, receiosa de não estar acordada na hora em que devia dar-lhe o remedio, Jenny não ousava adormecer.

Finalmente, vendo a doente dormitar tranquillamente, Jenny encostou a cabeça na cama e, por sua vez, tambem dormiu.

Ella sonhou : lindas creanças, com as mãos cheias de brinquedos, apparecem á porta do quarto e chamam-na : « Jenny, queres vir brincar comnosco? » Jenny estava maravilhada, mas não podia aceitar a proposta, sua mãe estando



assim doente. « Fico perto de mamãe, disse ella; brinquem vocês sem mim. »

As creanças dão umas risadas de mofa e desaparecem.

Jenny descança a cabecinha á beira da cama quando, de repente, sente alguém que lhe bate no hombro. Volta-se espantada. Uma dama rica-



mente vestida estava a seu lado : « Queres ter como eu, bellas toilettes, joias ? disse ella a Jenny; acompanha-me, meu carro está á porta da casa; serás minha filha. — Nunca me separarei da minha boa mãe, responde Jenny. Vá, senhora, buscar n'outra parte filhinhos ingratos.

A mulher encolheu os hombros com desdem, sahiu do quarto e tomou o seu carro. Jenny, voltando-se para o lado de sua mãe, vê um lindo anjo que lhe sorri. Vai dar um grito de surpresa e d'admiração. O anjo impõe-lhe silencio e diz-lhe : « Eu venho tambem propôr-te um favor : o que queres ? — O', bom anjo, cure minha mãe ! é esse o meu unico desejo. — Deus te attenderá, respondeu o anjo, e te abençoa. »

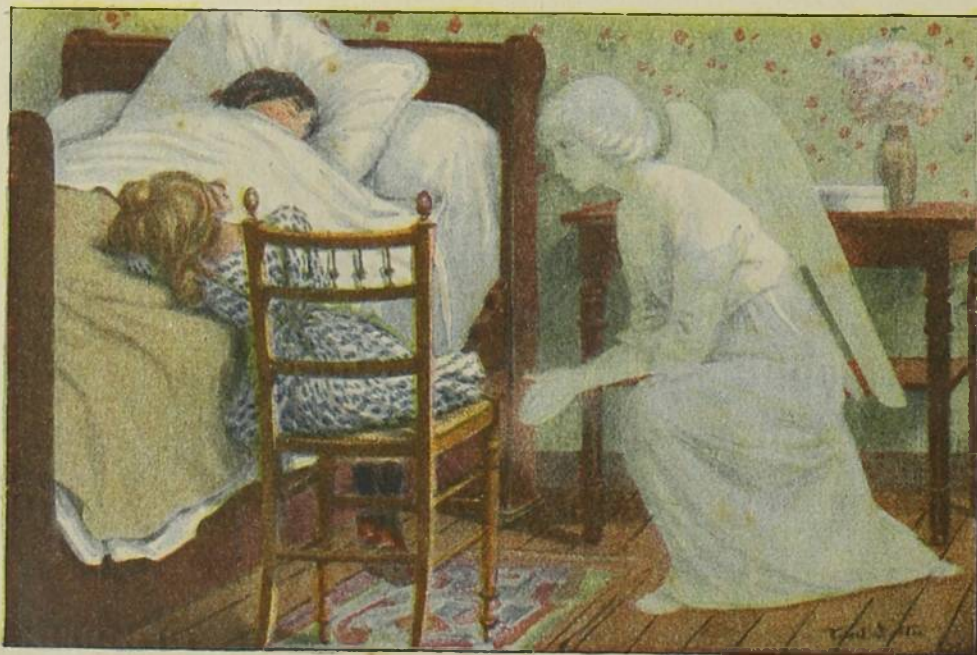
Em seguida desaparece...

Nessa occasião uma voz suave despertou Jenny. E' a de sua mãe que lhe diz : « Tinhas adormecido, queridinha, estavas cansada, não é assim ?

— Oh ! mamãe, sonhei que estavas curada.

— Com effeito, minha filha, sinto-me muito melhor. Este somno fez-me muito bem.

— Obrigado, meu Deus ! exclamou Jenny, atirando-se ao collo de sua mãe : este



presente é o mais bello dos tres.

— O que queres dizer ?

— E' o seguimento d'um sonho, d'um lindo sonho que fiz e que lhe contarei, mamãe.



OS PEQUENOS CANTORES DAS RUAS

Disseram a Ernesto e a Julia : quando brincarem diante da porta de casa, não se afastem para não se perderem.

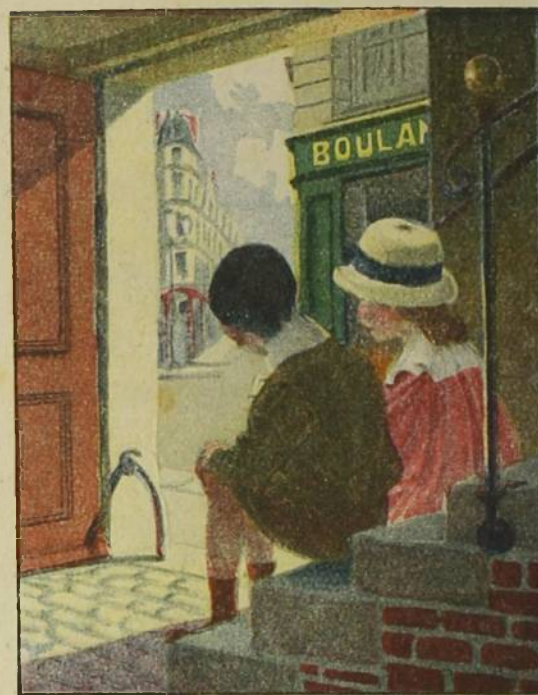
Durante muito tempo as duas crianças lembravam-se sempre dessa recomendação. Mas, um dia, acompanharam um regimento que passava e, arrastados pela musica, separaram-se da casa de seus paes.

Julia que era mais previdente, embora mais moça, disse a seu irmão : « Ernesto, julgo que estamos longe de casa ; é preciso voltarmos depressa, bem depressa.

— Tens razão, respondeu Ernesto ; papae e mamãe podem estar inquietos. » Voltaram, pois ; mas não deram com o caminho.



Extenuados de cansaço e tristes, as duas creanças passaram perto d'uma porta larga e sentaram-se n'uma pedra. Era chegada a hora do almoço e estavam com fome. Havia justamente defronte da porta larga uma padaria, mas as creaturinhas não tinham um vintem no bolso.



— Ah! se eu soubesse, disse Ernesto, suspirando, não teria comprado hontem uma bola.

— Nem eu fitas para minha boneca, retorqui Julia. Estou com fome.

— Ouve, irmãsinha, tenho uma ideia: vou fazer como as pobres creanças que vão ás vezes na area da casa e que cantam para ganhar dinheiro.

— Oh! Ernesto, vaes pedir esmola! — Não quero que tenhas fome.

— Não tenho mais fome. — Oh! sim... e eu tambem.

— Pois, cantemos ambos.

E as duas creanças, de mãos dadas, começaram timidamente uma canção que a mãe lhes tinha ensinado. Os transeuntes parávam olhando, admirados, para elles. Iam interrogal-os, quando atravessou a multidão um individuo, aproximando-se de Ernesto e de Julia, no meio da maior surpresa.

— E' meu padrinho, exclamou Ernesto, estamos salvos!

— Vocês aqui, perguntou o padrinho, pedindo esmola!

— Estamos com fome, disse Julia, escondendo o rosto com as mãos. O padrinho levou-os á padaria, onde comeram a fartarem-se, e acompanhou-os depois á casa dos paes



que já começavam a desesperar.

E' inutil accrescentar que Ernesto e Julia prometeram nunca mais expôr-se aos perigos que correm as creanças separadas de seus paes.



UM NAUFRAGIO

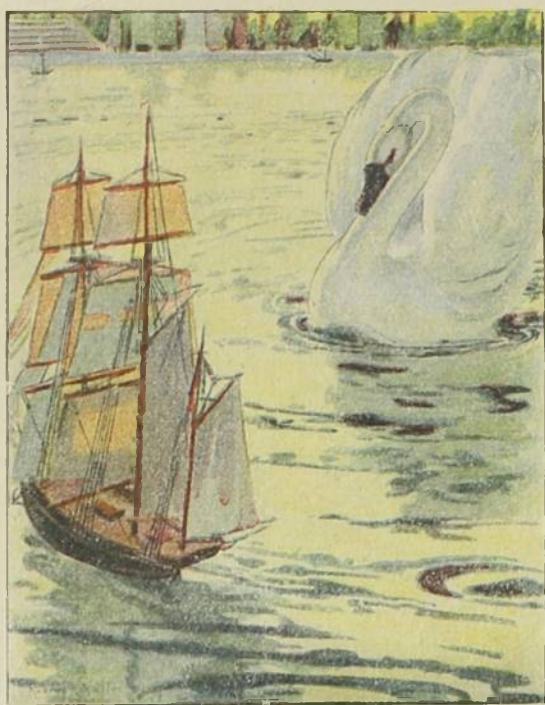
Era n'uma bella tarde de verão. O sol, antes de desaparecer, mostrava a sua grande cara encarnada por entre as arvores do Luxemburgo.

O jardim estava cheio de pessoas, de todos os tamanhos e de todas as edades, que passeavam, affluindo principalmente em volta do lago.

Muitos pequeninos navios estavam abandonados á onda azul, onde reflectiam pequeninos rostos animados e alegres.

Um desses navios, de tres mastros, fazia-se notar entre os mais pela sua altura e pela elegancia da sua construcção.

Julio, com o seu chapéu de marinheiro, olhava com o seu binoculo a embarcação, considerando com orgulho a sua marcha rapida e graciosa.

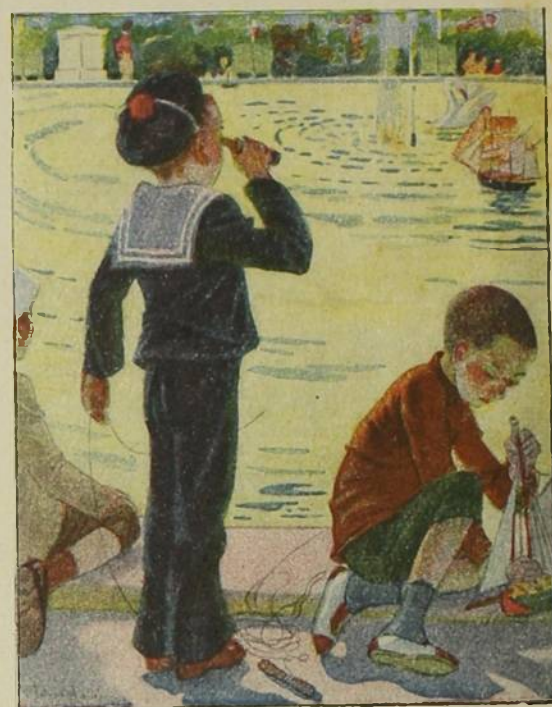


De repente, um bello cysne sahiu da cabana construida no lado opposto do lago.

Orientando-se, viu o navio de Julio.

Com a rapidez do relampago, atirou-se á agua e dirigiu-se para a embarcação.

Julio quiz puxal-a para terra.



Vendo o cysne que a preza ia desapparecer, atirou-se a ella e, com as azas e o bico, destróe os mastros e rasga as velas, como uma tempestade faria em alto mar a um navio verdadeiro.

Julio, puxando sempre, traz para terra o casco desguarnecido. Estava triste, mas que devia elle fazer ao passaro que julgou ver um inimigo no navio e que, satisfeito por ter-se vingado, passeava majestosamente ao lado da chuva de perolas que pareciam cahir do repuxo.

As creanças assistiram com emoção áquella scena. Individuos de maior idade paravam e falavam do acontecimento.

A mulher que guiava um carrinho, puxado por cabras, esquecendo-se dos seus interesses, parou para contemplar o quadro com os passageiros do elegante vehiculo.

O tio de Julio, antigo capitão de navio, que, sentado n'um banco, lia o seu jornal, approxi-



mou-se, ouvindo as exclamações das creanças e fazendo-se juiz dos estragos causados pelo cysne, diz a seu sobrinho, batendo-lhe amisto-

« Consola-te, meu caro grumete, vou comprar-te um navio a vapor; e o cysne é que ficará logrado. »



A BONECA SALVA

Angela tem uma boneca que é causa da admiração e da inveja das suas camaradas. Infelizmente, a mãesinha tem orgulho exaggerado de sua filha, só leva a gabal-a e a depreciar as outras bonecas. Um dia, passeando perto do moinho d'agua com Helena, a quem, conforme o costume, exaltava as qualidades da sua *Lindinha*, rindo-se da cara e da apparencia da boneca de sua amiga, Helena exaltou-se e, n'um momento de impeto, agarrou a soberba *Lindinha* e atirou-a ao rio.

Angela deu um grito e vendo sua filha arrastada pela corrente, começou a chorar. Helena é viva, mas tem bom coração; arrependeu-se de ter praticado o seu acto de violencia e poz-se a chorar com sua amiga.



— Consolem-se, meninas! Medor vai buscar a boneca, exclamou uma voz detraz dellas.

Era Henrique, um rapaziño da vizinhança que acudia com o seu bello cachorro. « Hop! Medor, vá buscal-a », disse Henrique apontando a boneca ao cão.



Medor atirou-se logo á agua. *Lindinha* já ia longe. A corrente levou-a de repente para o lado da roda do moinho.

— Por aqui Medor! por aqui! exclamou Henrique. Mas Medor não ouvia mais. De repente, surpreendido pela revessa começou a dar voltas como *Lindinha*... Henrique estava desesperado.

— Meu cão, meu pobre cão! exclamou elle, vai ser morto pela roda! Angela e Helena soluçavam ambas e não ousavam mais olhar. Medor via-se em perigo, mas não perdia *Lindinha* de vista.

Houve um momento em que quasi conseguiu agarrar a boneca com a bocca.

Estimulado por esse successo, esforçou-se por sahir do turbilhão.

As tres creanças deram um grito de alegria: Medor estava salvo.

O valente cachorro tinha, com effeito, readquirido a sua liberdade de acção.

Voltou para o grupo de creanças, trazendo triumphantemente a boneca.

Logo que chegou á terra, as tres creanças foram ao seu encontro e fizeram-lhe as maiores festas.

Medor, porém, tão modesto quão corajoso, limitou-



se a sacudir o corpo e adar uns saltos diante do seu patrãozinho, parecendo dizer-lhe: « Já cumprimos o nosso dever; vamos-nos embora! »

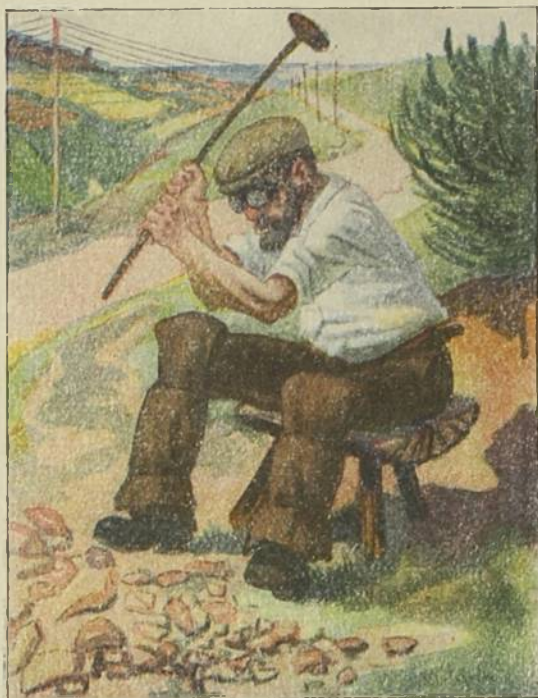


A COLERA

Fernando e Emilio brincavam com uma bola n'uma pequena praça, perto da casa onde moravam. De repente, travou-se discussão entre elles. Emilio tinha razão, mas Fernando é tão exaltado, tão violento que apenas viu seu camarada resistir-lhe, teve um grande acesso de colera. Atirou a bola longe e, vendo que não podia atracar-se com Emilio que era mais forte do que elle, sapateou, rolou no chão, sujou a roupa e feriu-se no rosto e nas mãos. Não conseguindo acalmá-lo, Emilio afastou-se pezarosamente.

No dia seguinte os dous meninos foram, todavia, divertir-se no mesmo lugar.

Emilio não tinha o menor rancor contra seu camarada, e Fernando que,



no fundo, não era mau, estava um pouco confuso.

Um pobre velho estava sentado n'um banco.

Elle tinha observado a scena da vespera e sorriu vendo os dous meninos novamente juntos para brincar.

— Muito bem ! disse elle, muito bem ! meus amigui-

nhos ; esta reconciliação faz honra a ambos. Creia-me, disse elle a Fernando, que é preciso corrigir-se dos seus violentos accessos de colera. Eu fui assim, exageradamente vivo e exaltado. Por isso dei os maiores desgostos á minha familia ! Um dia, depois d'uma scena violenta com um dos meus companheiros, fui expulso do collegio.

Meus paes deram-me professores particulares ; mas eu era de um humor tão indomavel que nenhum delles conseguiu instruir-me ; e, mais tarde, tive de quebrar pedras nas estradas para poder comer.

Apezar da minha miseria, uma creatura boa e dedicada consentiu em casar-se commigo. Tinha por ella grande afeição ; receio, porém, que as minhas violencias tivessem sido a causa da sua morte. Hoje, vivo pobre e isolado, arrependendo-me todos os dias de não ter-me corrigido em tempo. Peço-lhes meus filhos, que não me imitem, que não se entreguem a accessos de colera, para não passarem os dias tristes que eu passo !

Os dous meninos ficaram muito impressionados com essa narração. Afastáram-se depois de terem dado uma esmola ao triste velho.

Fernando disse, então, a seu ami-



guinho :

« Emilio, peço-te que, quando eu estiver zangado, me lembres a historia que acabamos de ouvir ; ella ajudará certamente a corrigirme. »



AS CEREJAS DO PAE ANSELMO

Indo para a escola, Augusto admirava todos os dias as bellas cerejas que amadureciam no jardim do pae Anselmo: « Como devem ser doces e saborosas! » dizia elle comsigo.

Um dia, não podendo mais conter-se, fez um buraco na cerca, pulou para o jardim, trepou na arvore, como se fosse um gato, e começou a sua colheita.

Vendo-o, seus camaradas disseram-lhe que iam denunciá-lo. Para que se calassem, Augusto chamou-os para perto de si.

Os dous pequenos foram, então, para perto do arvore e recebiam com bravos as cerejas que Augusto lhes atirava.



O pae Anselmo appareceu inesperadamente.

De repente Augusto ouviu gritos e queixumes.

Abaixou os olhos e viu o jardineiro estar sovando os dous cumplices. O pae Anselmo expulsou-os e, virando-se para Augusto, disse-lhe que descesse.



O pequeno parecia mais

morto do que vivo. « Não me dê bordoadas. Não farei mais isto. »

— Não te darei pancada, respondeu o pae Anselmo, vou mandar prender-te. Olá! Snr. Mayeux, disse elle a um guarda-campestre que passava justamente n'aquella occasião, venha prender este pequeno ladrão.

Em vão Augusto chorou; o pae Anselmo mostrou-se inflexivel. O guarda-campestre cumpriu o seu dever levando o pequeno para a prisão.

Em caminho, toda a gente da aldeia perguntava o que o pequeno tinha feito; Mayeux contava o que se passára.

Que vergonha para os paes! diziam muitos.

Mayeux passou diante da casa de Augusto. A mãe do menino, vendo tão triste cortejo, quasi teve um ataque.

Dirigiu-se ao guarda-campestre, ao pae Anselmo e tanto implorou que o velho jardineiro disse a Mayeux que entregasse Augusto a sua mãe. Ficou bem entendido, todavia, que as cerejas lhe seriam pagas.

O papae e a mamãe d'Augusto estiveram durante muitos dias tão zangados, que o menino não ou-sava olhar para



elles. Mas, depois, Augusto mostrou-se tão humilde, tão arrependido, prometteu tanto não mais recommençar o que fizera, que seus paes acabáram por perdoal-o.

